



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Centro de Produção de Antígenos Virais**

Rio de Janeiro - RJ, 1º de outubro de 2007

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,

Eu posso chamar de meu querido companheiro Akira Homma, diretor da Bio-Manguinhos,

Senhor Diego Vitória, representante da Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil,

Deputados federais Chico D'Ángelo e Felipe Pereira,

Quero cumprimentar os companheiros secretários e secretárias de Estado do Rio de Janeiro,

Cumprimentar os servidores da Fundação Oswaldo Cruz,

E dizer para vocês que toda vez que eu venho aqui, o nosso companheiro Akira está com um entusiasmo tão grande que nós precisamos uma hora, Paulo, nem você falar, nem eu falar, tem que deixar o Akira falar. Eu não conseguirei, eu certamente não conseguirei passar para a imprensa o significado do que nós viemos inaugurar hoje, depois da apresentação que você fez. Então, eu vou repartir o meu tempo com você.

O meu tempo é livre, mas eu acho que seria extremamente importante você dizer, sobretudo para a imprensa, o que significa o que está acontecendo hoje aqui em Manguinhos, porque certamente vai levar algum tempo para as



peessoas descobrirem que o Brasil está ficando adulto, que o Brasil conquistou a sua maioria e que o Brasil, que já foi economicamente subordinado, politicamente subordinado, intelectualmente subordinado, hoje quer ser economicamente soberano, politicamente soberano, intelectualmente soberano na produção e na criação da nossa indústria de aviões, na nossa indústria de fabricação de remédios, de fabricação de vacinas. Nós estamos dando hoje um passo também para sermos soberanos. Ou seja, aquilo que vai cuidar das nossas crianças, nós não queremos ficar dependendo de ninguém.

Por isso eu acho importante, Akira, você utilizar este microfone, eu fico aqui do seu lado para você falar, mas dirija-se, sobretudo – o pessoal que está aqui já deve conhecer – tem que se dirigir à imprensa, para a imprensa poder saber o que está acontecendo.

Akira Homma, diretor da Bio-Manguinhos: Presidente, eu espero estar à altura de falar alguma coisa em seu nome, mas com certeza eu queria dizer que o nosso presidente da Fiocruz e o nosso Ministro da Saúde poderão, certamente, falar melhor do que eu. Mas, como o senhor está me solicitando pessoalmente, eu vou dizer o seguinte: o senhor falou, acabou de dizer e eu vou traduzir o que o senhor falou, porque é exatamente isso o que estamos fazendo. Nós estamos garantindo o acesso aos imunobiológicos, às vacinas para a população em geral, porque a população que mais precisa, os que têm menos acesso, estarão contemplados com essa capacitação em produção de vacinas essenciais do Programa Nacional de Imunização do Ministério da Saúde. No momento em que nós nacionalizamos toda a produção de vacinas que estão contempladas no Programa Nacional de Imunização, nós estamos garantindo o acesso para essa população que precisa. Os mais ricos conseguem imunizar, proteger a sua criança nas clínicas privadas, mas a população geral, o mais pobre, não. É o Programa Nacional de Imunização do Ministério da Saúde que leva a vacina e dá o acesso. Esse acesso somos nós,



o senhor e o governo que estão proporcionando.

Portanto, estamos produzindo essas vacinas aqui no Brasil, internalizando as tecnologias de que precisamos. E são internalizadas porque os laboratórios que estão aí, parceiros nessa internalização, também estão vendo que tem um mercado importante aqui e eles ganham. Não fazem de graça, eles ganham. O Brasil é um mercado de 180 milhões de habitantes. Poucos países no mundo têm esse mercado e, em função disso e da capacitação tecnológica hoje existente, apoiada pelo governo, e que está sendo fortalecida ainda mais pela política de inovação tecnológica do seu governo. Aqui está nosso Reinaldo, que tem que trazer mais dinheiro ainda para essa área, certamente. Enquanto nós não tivermos, não vou dizer o mesmo nível de investimento que é feito no exterior, nessa área – dois bilhões e meio de dólares por ano é o que é feito em investimento em pesquisa e desenvolvimento tecnológico de novas vacinas, e nós fazemos ainda poucos milhões de reais, que sabemos que é o possível – a competição será desigual.

Portanto, nós estamos aqui mostrando que se fizermos uma infraestrutura adequada, uma capacitação tecnológica forte e moderna, nós vamos dando essa resposta e vamos incorporando aquilo que é necessário, sobretudo necessário para a população mais carente, dando acesso a essas vacinas imunobiológicas. Certamente, o seu governo é um governo que tem, realmente, dado um reforço substantivo nessa área. Aqui está, nós estamos vendo tudo, não preciso realmente falar muito, porque o senhor está vendo o resultado de uma política permanente em busca de uma capacitação tecnológica para atividades essenciais do País.

Presidente: Isso é importante porque, se sou eu que falo, é política; se é o Paulo Buss, é política; se é o governador, é política. Então, é importante a gente ouvir a fala do nosso cientista “vendedor de geladeiras no Pólo Norte”. O dado concreto é que nós estamos vivendo, aqui em Manguinhos, uma coisa



importante. Eu já tive oportunidade de inaugurar, aqui, um Centro de Produção de Vacinas Bacterianas, em 5 de agosto de 2004 e, na ocasião, nós assumimos o compromisso de construir este Centro de Antígenos Virais. Estamos aqui agora inaugurando, nós também inauguramos o Complexo Tecnológico de Medicamentos, em Jacarepaguá, e agora já temos um outro compromisso aqui, já me bateram que nós temos que construir – deixe-me ver o que estão pedindo aqui – o Centro Integrado de Protótipos, Biofármacos e Reativos para Diagnóstico. Então, eu já vi o prédio ali e já precisamos inaugurá-lo até 2009. É bom em 2009 porque é um ano em que não tem eleições, ninguém vai poder dizer qualquer coisa, que é época de eleição.

O dado concreto, meu caro Paulo Buss, meu caro governador do estado e companheiros da Fiocruz, é que o Brasil está vivendo um momento que se nós soubermos aproveitar, nós poderemos fazer, possivelmente, nos próximos três anos, coisas que pareciam impossíveis de serem feitas. Todas as vezes em que se fala em fazer investimentos em alguma coisa, em contratar funcionários, as pessoas têm uma predisposição de ser contra. Vocês viram que, esses dias, o Senado – eu ainda não sei qual a razão – votou contra uma medida provisória que nós mandamos, e o pretexto era que estava evitando que o governo contratasse mais cargos. Agora, ninguém atentou para saber quantos professores deixaram de ser contratados para as universidades novas que estamos fazendo neste País. Se nós quisermos fazer escola técnica, se nós quisermos fazer novas universidades, se nós quisermos fazer novos laboratórios, nós vamos ter que contratar mais gente.

É preciso parar com a mania de achar que contratar gente para trabalhar para o Estado brasileiro é inchaço de máquina, porque se vendeu uma falsa idéia, num período não muito distante, de que todo servidor público brasileiro era marajá. O que aconteceu de lá para cá? Nós temos verdadeiros centros de excelência neste País, a Fiocruz é um deles, e nós temos outros centros de excelência espalhados por todos os Ministérios, normalmente, funcionários de



alta qualificação intelectual, científica, tecnológica, e mal-remunerados. Qualquer empresa privada pagaria o dobro do que a gente paga para qualquer funcionário nosso, seja da Petrobras, seja da Receita, seja do Inmetro, seja da Fiocruz, esse é o dado concreto. E as pessoas passam para a sociedade uma idéia de que é possível fazer um choque de gestão, diminuindo o número de pessoas que trabalham. Na verdade, o choque de gestão será feito quando a gente contratar mais gente, mais qualificada, mais bem-remunerada, porque aí a gente vai ter, também, serviço de excelência prestado à sociedade brasileira.

Para reverter essa situação, é preciso que a gente tenha coragem de ser ousado. Eu, por exemplo, já consegui tirar das reuniões do governo a palavra “gasto” com dinheiro em educação, porque se entrar a palavra gasto, nós não faremos absolutamente nada. É por isso, governador, que nós vamos chegar em 2010 com 10 universidades federais novas, com 48 extensões universitárias e com 214 escolas técnicas profissionais novas. Elas vão precisar de professores, vão precisar de técnicos administrativos, vão precisar de funcionários de tudo quanto é tipo e, se a gente quiser recuperar o atraso a que o Brasil foi submetido, nós vamos ter que contratar mais gente.

Da mesma forma, o Temporão está apresentando uma proposta de PAC para a saúde. Obviamente que nós nunca vamos ter condições de ter todo o dinheiro para fazer o investimento necessário. Possivelmente, o que o Temporão pensa em fazer em quatro anos, a gente vai ter que propor para fazer em mais tempo. Mas o dado concreto é que nós temos que fazer alguma coisa, a começar, Temporão, regulamentando a Emenda 29, porque é preciso ficar bastante definido o que é investimento em saúde. Tem governo no Brasil que investe apenas 4%, tem outros que investem 6%. E depois, você sabe que a culpa recai nas costas do ministro da Saúde. Historicamente é assim, não é porque nós estamos no governo, não. Quando tudo dá certo, o mérito é do prefeito, o mérito é do governador, o mérito é do administrador local. Quando dá errado, seja o Temporão, seja qualquer outro ministro da Saúde, recai



exatamente nas costas do ministro da Saúde.

Você está lembrado, Sérgio, que nós tentamos, antes de você chegar ao governo, dar um conserto na saúde da cidade do Rio de Janeiro. Vocês viram as implicações que nós tivemos, o que aconteceu, porque quando há um antagonismo político, eu diria, má vontade política, as coisas têm mais dificuldades. É só ver o que acontece nesses oito meses de relação entre o Sérgio e o governo federal, e o que acontecia antes. Aquela história que eu dizia: “quando um não quer, dois não brigam”, fez com que o Rio de Janeiro passasse quatro anos, eu diria, num dilema, em que havia pouco espaço para que nós pudéssemos trabalhar juntos. Com o Sérgio, nesses oito meses, nós estamos produzindo muito mais do que se produziu nos quatro anos passados, porque há disposição política dele, há disposição política do governo federal e portanto, as coisas só tendem a melhorar. E quem vai ganhar com isso, quem é? É o povo do estado do Rio de Janeiro. Por isso, a questão da saúde é uma questão extremamente delicada.

Quero te dizer, Akira, que não é por causa de 20 ou 30 milhões que a gente vai deixar de fazer as coisas que têm que acontecer. O problema é que, às vezes, quando o número chega na área econômica de qualquer governo – pode ficar certo de que isso vale para mim, vale para vocês, vale até para o diretor financeiro da Fiocruz – toda vez que chega um problema de gasto no setor de contabilidade, se ele puder dizer não, ele vai dizer não. Por quê? Qual é o objetivo dele? O objetivo dele é chegar ao final do ano e mostrar que tem saldo de caixa, mostrar que economizou. Isso vale para um diretor do sindicato e vale para um ministro da Fazenda, isso vale até para um coordenador de uma associação de uma favela qualquer no Rio de Janeiro.

O diretor financeiro chega ao final do ano e quer mostrar que tem dinheiro em caixa. Nós é que temos que mostrar que não precisa ter dinheiro em caixa se esse dinheiro, em vez de estar em caixa, estiver prestando um serviço à sociedade brasileira. É isso que nós vamos continuar fazendo, Akira.



Nós viremos inaugurar aquele outro prédio ali daqui a um ano e meio, depois você começa outro prédio, nós vamos inaugurar, e começa outro, até que um dia a gente tenha todos os prédios que sejam necessários para produzir todos os remédios de que nós precisamos.

Eu quero, Sérgio, terminar dizendo o seguinte: a nossa política externa só foi criticada no começo porque, e eu compreendia bem, havia uma subordinação intelectual. Afinal de contas, o Brasil é um país colonizado, foi colonizado durante muito tempo e não é porque tem uma independência que nós deixamos de ser colonizados. O Brasil tinha uma subordinação muito grande a uma orientação eminentemente americana, o Brasil tinha uma subordinação, também, à Europa, e quando a gente fala Europa, a gente olha para os países maiores da Europa. E o Brasil não tinha a dimensão de fazer política pensando naqueles que são iguais e que podem crescer juntos com o Brasil. É por isso que o nosso Ministério das Relações Exteriores fez o trabalho que tinha que fazer. Hoje nós vivemos a melhor relação na América do Sul que já tivemos em qualquer tempo, hoje nós vivemos uma relação com a África de respeito e carinho, e o Brasil, mesmo sendo um país ainda pobre, a gente pode fazer muito mais. Se Deus quiser, estaremos em Maputo inaugurando o escritório da Fiocruz, se Deus quiser. Já abrimos o escritório da Embrapa em Gana e se nós pudermos vamos ajudar, porque os africanos nos ajudaram durante 400 anos, eu acho justo a gente devolver para eles um pouco daquilo que nós temos que devolver.

No mais, meu querido Paulo Buss, todas as vezes que eu venho aqui, eu recebo meio minuto de elogio e meio minuto de reivindicação. Os elogios eu agradeço, como sempre. As reivindicações – estou vendo ali o presidente do Sindicato – eu vou levar para discutir com o ministro do Planejamento e ver o que a gente pode fazer.

De qualquer forma, eu só quero que você saiba que eu tenho consciência de que não é possível, nem no Brasil e em nenhum lugar do



mundo, a gente manter pessoas de alta competência técnica trabalhando, se a gente não tiver um salário compatível com a grandeza que a função das pessoas exige. Nem sempre os cofres públicos podem dar tudo o que as pessoas precisam mas, no que depender de nós, iremos fazer o possível para reconhecer o mérito a que vocês têm direito.

Muito obrigado e, mais uma vez, parabéns aos funcionários e à direção da Fiocruz.